

Agradecimento

Eu gostaria de agradecer ao Rotary Club de Penafiel e a todos os seus mais directos parceiros que organizaram o 1.º Prémio Literário Germano Silva.

Estes prémios são muito importantes para os jovens autores portugueses, e eu sinto-me muito honrado por ter sido o nome escolhido pelo júri do 1.º Prémio Literário Germano Silva.

O facto de saber que a minha obra vai ser distribuída e promovida no âmbito da promoção da escrita e da Língua Portuguesa é inspirador. O meu caminho na escrita está a começar, e eu dei mais um passo em frente mal soube que ia receber este agradável prémio. A minha gratidão.

Não menos importante, eu aproveito este espaço para enviar um abraço cordial a Germano Silva.

VEDAÇÃO

Há quem diga que o dinheiro é o afrodisíaco por excelência. E há relações amorosas que foram sempre uma espécie de campo de batalha. Por vezes, o desejo de subir na vida foi uma alienação ao serviço do bem-estar.

“Quem é? O senhor é fotógrafo?”

O telefone tocou. O som do obturador enchia o pequeno estúdio. O fotógrafo tinha reservado aquela manhã para duas sessões de trabalho que uma agência de moda lhe pediu. A modelo tinha dezanove anos, e parecia ser apenas mais um rosto inocente que contava com o aval de uma editora de moda espanhola. Aquela sessão começou há cinco minutos, mas o número de poses era uma prova em crescendo.

O mundo ficava no exterior daquele estúdio, o mundo e seus cheiros, as discussões sem dó e sem piedade. Lá fora o mundo dava cabo de gente idealista, franca, e um tormento de contratos de trabalho fazia correr o sangue daquela gente mais jovem. Ao longo de uma dúzia de sarjetas há sangue de jovens e cinza de cigarros, que se fumam pacientemente.

O corpo da modelo era objecto de arte que ia rodando, a par de uma série de efeitos das luzes. Érica sorria no momento de ensaiar uma nova pose, e seus lábios mexiam, quais chamas no nevoeiro. O cabelo parecia um leque nas mãos de uma rainha sem nome. O rosto tornou-se mais grave à medida que o toque de um telefone ia enchendo o estúdio. Érica olhava para o fotógrafo, mas não encontrou neste nenhum vislumbre de desassossego. O toque do telefone não parava, uma marcha de vibrações e de batidas. Os *flashes* da máquina fotográfica incomodavam aquele olhar pequeno, que desejava um momento de diálogo ou uma pausa. O fotógrafo deslocar-se-ia, então, à secretária de madeira.

O toque de telefone, qual eco de um passado, pára. Érica sentir-se-ia como uma observadora no instante e lugar adequados, sem pressão e sem desconforto. Uma conversa de outrem é um episódio desta vida comum, a crítica de vozes, de palavras que se seleccionam, de erros que são provavelmente alvo de remendo. O número de vezes que se interrompe o interlocutor, assim como a comparação entre pronúncias, é um jogo de autocritica do qual poderá surgir um traço de alegria. Érica estava a sorrir de pé, e a sua mão expôs pouco a pouco o mamilo esquerdo.

O fotógrafo continuava a fazer o seu trabalho. Da boca do fotógrafo não saía nenhuma palavra, e a modelo deixou cair completamente a camisa xadrez. O peito era assimétrico, um sinal de cada lado. O fotógrafo abrandou o ritmo de trabalho, e parecia esboçar um sorriso. Érica riu-se antes de tapar o peito com as mãos e alguns anéis. O telefone ainda tocava, e Érica deitou a língua de fora em direcção à secretária.

“O telefone.”

“Pode ser uma boa notícia”, disse Érica.

“Ninguém dá isso por telefone.”

“Há excepções”, disse Érica passando loção hidratante no pescoço.

“Ou é trabalho ou é oxímoro.”

“É o quê?”

“Conhaque envenenado, prenda maldita, por exemplo.”

O relógio marcava 10 horas, o fotógrafo pousou a máquina fotográfica verde, e deslocou-se à secretária. Por sua vez, Érica decidiu preparar café para ambos.

“Sim?”

“Quem é? O senhor é fotógrafo?”

“Eu sou...”

“Hoje seria possível marcar a produção de um *book* pessoal com o senhor?”

“Eu não vou trabalhar à tarde, e tenho a manhã preenchida. De momento não estou a produzir *books* pessoais.”

“O senhor deve ter só contratos com empresas, é o triunfo do dinheiro...”

“É uma maneira de ver a coisa. Eu tenho aqui dois trabalhos até ao final da manhã, e o tempo é dinheiro.”

A conversa por telefone durou cerca de 10 minutos. Embora o café estivesse frio, o fotógrafo bebeu-o com lentidão. Sem que lhe tivesse perguntado nada, o fotógrafo contou a Érica os detalhes daquele seu trato. Havia na voz uma dose de espanto e apreensão, e um tique tomou conta das mãos. Érica estava a ouvir o fotógrafo com atenção, e sorria, sem desejar quaisquer perguntas. A mulher mostrou ser teimosa, oferecendo por fim 2000 euros para a produção de um *book* pessoal, que, sempre que o fotógrafo produzia isso, custava 150 euros. Caso o fotógrafo aceitasse aquele trabalho teria de cancelar a segunda sessão daquela manhã. Além disso, a mulher exigira que a produção do seu *book* tivesse lugar na sua própria casa. Era uma questão de logística, e o fotógrafo aceitou sair do seu estúdio de fotografia.

Érica quis ajudar o fotógrafo na chamada para a modelo daquela sessão a excluir. Uma espécie de álibi, uma chamada dramática de quem tinha de acompanhar uma mulher ao hospital mais próximo. No fundo, a sua consciência dita que se amparem aqueles que desfaleceram, a responsabilidade é entregue à pessoa que vê ou sente o conflito. Érica sorria com um brilho no olhar, a derradeira série de fotografias agradou a ambos, e do

estúdio ao carro foi uma marcha de atrapalhão. A distância era insignificativa, mas a presença de alguns documentos e de equipamento fotográfico impunha dificuldades. E até à entrada no carro o discurso de ambos era montado com exactidão, simulações de um espectáculo que chegava ao público em casa. O diálogo abrandava-lhes o passo, e braços sem controlo produziam uma visualidade com circunferências da misericórdia feita corpo.

Alguns vizinhos de trás espreitaram a cena que tinha lugar naquela rua. Havia palavras de inquietação e comentários sobre aqueles jovens que alcançavam a segurança do carro. Então, o fotógrafo pisou o acelerador rua abaixo, o fumo do escape espalhava-se com rapidez, era uma linha de substâncias no ponto de fuga.

O fotógrafo sorria timidamente para Érica. Mas na cabeça do fotógrafo a voz da sua nova cliente parecia imprimir alguma familiaridade. Há vozes idênticas, e há gente capaz de fazer imitação de vozes com pouco esforço. Por vezes, o timbre de uma voz poderá assolar mais do que um instrumento de tortura.

“Quem é? O senhor é fotógrafo?”

De vez em quando, parece existir na memória um conjunto de choques que transforma o olhar quotidiano. Há a passagem de um estado de repouso para um estado de alerta, e a pessoa vê por último o filme da sua memória. Um estranho na sua própria mente. O fotógrafo conduzia de modo brusco, a sua cabeça estava a estremecer, e dois cigarros queimavam junto à pele da mão direita. Érica cantarolava refrãos de músicas populares. Na rádio passavam partes de óperas, um alinhamento que era alterado com frequência, e o fotógrafo agarrava no volante com firme-

za. O cheiro a tabaco colava-se às roupas e ao habitáculo. Com efeito, cheiros fortes nunca permitem a que a mente se distraia ou que desaprove a realidade que a mão atinge. Érica sorria no seu banco oblíquo, e passou uma mão na base do seio direito. A respiração do fotógrafo e de Érica era vigorosa, dois adultos em suspenso. O fotógrafo parou o carro de repente, por forma a atirar beatas janela fora.

A casa da mulher que telefonara ao fotógrafo não ficava longe. No meio do fumo que ainda estava no carro, Érica pediu ao fotógrafo que a deixasse permanecer no aconchego daqueles estofos, uma vez que o caso não lhe dizia respeito. O lugar de estacionamento era comum, não passava por lá muita gente, e Érica ia adormecer. Para quê entrar na casa de uma desconhecida? Ao fotógrafo foi pedido o equipamento fotográfico que usara na sua sessão de estúdio. Segundo a opinião do fotógrafo, a máquina fotográfica podia mudar consoante o tipo e objectivo de trabalho. A lente ia ser mais longa do que a outra lente, e o sensor tinha menos *megapixels*. Mas a pessoa ia surgir com um outro relevo no campo de visão, um efeito que aproximava o cenário da lente. Há uma preocupação com os cortes do objecto de arte, e as imagens educam o olhar do público.

A rua terminava junto a uma passagem de comboio. O fotógrafo encostou-se à vedação de três metros, e acendeu um cigarro tranquilamente. O outro lado da passagem de comboio compunha-se de casas de lavoura e tractores. Por outro lado, junto a eiras de pedra gasta viam-se dois homens a lavarem cestos e uma escada. O fotógrafo aspirara o cigarro, e o fumo ocultava pedras e galhos, que formavam uma composição; fotografia em grande plano. O apito de uma locomotiva soou com